



CRIANÇAS COM SÍNDROME DE DOWN: tem lugar na escola?

Suelenn Barbosa dos Santos*

Edneuzza Alves Trugillo**

RESUMO

O presente trabalho visa analisar o ensino oferecido para os alunos com síndrome de Down, na Escola Gente Esperança/APAE de Sinop/MT. A escola de educação especial por sua vez, especializadas para ensinar crianças com diferentes deficiências, tendo o convívio com outras crianças com necessidades especiais e um atendimento personalizado para tais, busco investigar se os profissionais da educação encontram dificuldades para desempenhar seu trabalho pedagógico. A fim de desenvolver uma pesquisa que pudesse responder as minhas dúvidas, realizamos uma pesquisa bibliográfica que permite a construção teórica sobre o tema proposto pelo trabalho, nesta pesquisa adotamos uma abordagem qualitativa, por meio do estudo de caso, no qual o pesquisador terá contato direto com o objeto de análise por meio de observações, conversas informais e questionário semi-estruturado.

Palavras-chave: Educação. Educação Especial. Síndrome de Down. Professor.

1 INTRODUÇÃO

Neste estudo procuramos aprofundamento de uma realidade específica. Realizamos por meio da observação direta das atividades do grupo estudado e para captar as explicações e interpretações do que ocorre naquela realidade.

Na investigação quanto se os profissionais da educação encontram dificuldades para desempenhar seu trabalho pedagógico, bem como se a metodologia do professor está de acordo com o proposto pela política inclusiva.

* Acadêmica do 7º Semestre do Curso de Pedagogia, *Campus* Universitário de Sinop, UNEMAT. Pertence ao grupo de orientação da professora Ma. Edneuzza Alves Trugillo.

** Professora graduada em Pedagogia – UNEMAT – Universidade do Estado de Mato Grosso (1999). Especialização em Educação Especial pela UNEMAT (2001) e Psicopedagogia pela UNIFLOR (2004). Mestre em Ciências Ambientais na linha de pesquisa em Educação Ambiental pela UNEMAT (2009).

Buscamos dialogar com as principais referências teóricas metodológicas do processo de inclusão de alunos com Síndrome de Down no ensino regular nos remetendo a demonstrar as principais ferramentas metodológicas de implantação do processo de inclusão dos alunos com Síndrome de Down.

Geralmente a sociedade rotula as crianças pelos simples fato de serem diferentes. No entanto, a sociedade não admite que vivam em um Mundo de diferenças, bem como: raça, cultura, etnia, fatores genéticos, dentre outros. Dessa forma, a ideologia da Educação deixa claro que toda criança tem o direito de buscar uma formação e que o ambiente escolar tem que propiciar isto a ela de maneira prazerosa. Por isso, devemos acabar com esses estigmas preconceituosos, para que estas crianças não carreguem traumas que as prejudicará futuramente.

2 METODOLOGIA

A fim de desenvolver uma pesquisa que pudesse fornecer dados para responder as dúvidas apresentadas acima, realizamos uma pesquisa bibliográfica que permite a construção teórica sobre o tema proposto pelo trabalho, nesta pesquisa adotamos uma abordagem qualitativa, no qual o pesquisador teve contato direto com o objeto de análise.

Na pesquisa qualitativa a preocupação do pesquisador não é com a representatividade numérica do grupo pesquisado, mas com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, de uma instituição, de uma trajetória etc. (GOLDENBERG, 2005, p. 14).

A partir de leituras sobre o tema, realizamos através da abordagem qualitativa a pesquisa de campo em uma escola especializada em trabalhar com alunos com síndrome de Down.

No segundo momento faremos um roteiro dos critérios para observação de campo e a elaboração de um roteiro de entrevista semi-estruturada, no qual, será aplicada com os professores que lecionam na sala de aluno com síndrome de Down e com o aluno em estudo.

Será realizado por meio da observação direta das atividades do grupo estudado e para captar as explicações e interpretações do que ocorre naquela realidade.

No terceiro momento, faremos a análise dos dados colhidos na entrevista, na observação e das atividades aplicadas na pesquisa campo. Após análises dos dados pretendemos fazer uma nova análise dos instrumentos utilizados e aprofundamento teórico que permitirão dar sustentação aos resultados obtidos.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

A síndrome de Down (S.D.) é decorrente de uma alteração genética ocorrida durante ou imediatamente após a concepção. A alteração genética se caracteriza pela presença a mais do autossomo 21, ou seja, ao invés do indivíduo apresentar dois cromossomos 21, possui três. A esta alteração denominamos trissomia simples. No entanto, podemos encontrar outras alterações genéticas, que causam síndrome de Down. O erro genético também pode ocorrer pela provação variável de células trissômicas. Presente ao lado de células citogeneticamente normais. Estes dois tipos de alterações genéticas são menos frequentes que a trissomia simples.

Estas alterações genéticas decorrem de defeito em um dos gametas, que formarão o indivíduo. Os gametas deveriam conter um cromossomo apenas e assim a união do gameta filho com dois cromossomos, como toda espécie humana. Porém, durante a formação do gameta, pode haver alterações da não disjunção cromossômica, que realiza durante o processo de reprodução, podem ser formados gametas com cromossomos duplos, que ao se unirem a outro cromossomo pela fecundação, resulta em uma alteração cromossômica.

Estas alterações genéticas alteraram todo o desenvolvimento e maturação do organismo e inclusive alteraram a cognição do indivíduo portador da síndrome.

Alguns fatores que levam uma criança a nascer com síndrome de Down é a idade da mãe, que em idade avançada apresentam índices bem mais altos de riscos, devido o fato de seus óvulos envelhecerem se tornando mais propensos a alterações.

4 ANÁLISE DOS DADOS

Esta pesquisa foi realizada a fim de saber a opinião de uma professora especializada que trabalha e esta envolvida com a inclusão de crianças com Síndrome de Down. Foi entrevistada uma professora (que será identificada como Cris para preservar sua identidade) especializada em trabalhar com crianças com S.D. Aplicou-se um questionário com perguntas específicas a fim de levantar dados acerca de como deve ser o trabalho com a criança com S.D. na rede regular de ensino.

A criança com Síndrome de Down tem que ter um aprendizado com experiências mais concretas para poder assimilar as informações.

O professor deve estar capacitado e sempre fazendo cursos/especializações para trabalhar melhor com seus alunos especiais, pois o trabalho com essas crianças tem que ser mais minucioso e intenso. O Down precisa de acompanhamento do professor em sala de aula, de uma fonoaudióloga para aprender a falar bem para poder ser entendido pelo professor e pelos colegas, de uma terapeuta ocupacional e de uma fisioterapeuta. Com este acompanhamento dentro e fora da escola a criança Down é mais facilmente compreendida pelo professor e por seus colegas de sala, e conseqüentemente seu rendimento escolar e sua socialização é melhor.

Segundo minhas observações, nem todos os professores têm capacitação para trabalhar com crianças especiais, não conseguem preparar uma metodologia de ensino para seus alunos. No entanto, o professor deve buscar aperfeiçoamento na área de atuação.

Feita a seguinte pergunta para a professora: Você encontra dificuldade em trabalhar com alunos com Síndrome de Down? Por quê? Ela responde que:

(01) Cris: Dificuldade não! O Síndrome de Down tem toda uma característica a teimosia, e os professores têm a tendência de falar que o Down é preguiçoso, mas na realidade, é a hipotonia muscular que ele tem. Ele tem um quadro de musculatura mole. O que não traz pra ele vontade de fazer exercícios, atividade física, eles não são de fazer isso.

Uma das características da Síndrome de Down é a hipotonia muscular que faz com que a criança não tenha muita vontade de fazer exercícios e educação física. O Down gosta de ficar mais na dele, mais quieto, sem fazer atividades físicas. Essa hipotonia muscular atinge todos os músculos do Down, por isso a dificuldade da fala, do engatinhar, do andar e do correr.

A hipotonia muscular – flacidez -, por exemplo, provoca um desequilíbrio de forças entre os músculos da boca e da face, o que altera a arcada dentária, projeta o maxilar inferior e permite que a língua assuma uma posição inadequada (para fora). A respiração incorreta, pela boca, além de trazer grande suscetibilidade a infecções respiratórias, altera seu palato e dificulta a articulação dos sons. O retardo mental, por sua vez, dificulta a memorização e sistematização dos conhecimentos, variável fundamental para o aprendizado da linguagem. (WERNECK, 1992, p. 121).

Os professores que não são capacitados e não conhecem essa síndrome, não sabem seus sintomas e suas limitações. Fazendo cursos de especialização fica mais fácil de lidar com essas crianças com Síndrome de Down. Os professores ficam sabendo suas limitações, como conquistar o respeito dessas crianças, como trabalhar com elas, e que a ‘preguiça’ é um

sintoma da doença. Nenhuma criança é igual a outra, por este motivo, o professor tem que conhecer seus alunos e saber de suas limitações, não só as limitações de um aluno Down.

Ao indagarmos com a professora sobre qual a sua opinião em relação à capacitação dos professores em trabalhar com o aluno com Síndrome de Down? Cris relata que:

(02) Cris: A capacitação do professor, eu acho que a problemática maior. Existe toda uma lei de inclusão e a gente percebe que o preconceito não é das crianças de ter aquelas crianças com síndrome de Down dentro da sala, é dos profissionais. Mas um preconceito vindo do que? Da falta de conhecimento de lidar com essas crianças. Enquanto continuar o especial sendo mais um, não é inclusão. É inserção. Você inseriu, mas você não incluiu. Até onde vai o aprendizado das crianças normais com uma criança com S.D.? Vai prejudicar a educação dessas crianças 'normais'? Não! Em nada. Mas o ganho que vai ter de personalidade, em ser uma pessoa mais compreensiva, social, de caráter. O que acontece é que o professor não tem capacitação para lidar com essas crianças. O professor tem que buscar se capacitar. Enquanto continuar o especial sendo mais um, não haverá inclusão, mas sim, inserção.

A escola inclusiva educa todos os alunos em uma sala de aula regular. Isso significa que todos os alunos recebem oportunidades iguais, que podem ser desafiadoras, mas adequadas às suas habilidades e necessidades. Os alunos e os professores recebem todo apoio e ajuda que necessitam da escola para alcançar sucesso nas atividades propostas por ela.

O professor precisa estar consciente de sua importância e da sua função em sala de aula para que possa desempenhar um bom trabalho com seus alunos. E antes de mais nada, o professor deve passar amor e respeito para seus alunos para que eles façam o mesmo com os demais. Essas atitudes buscam melhorar o crescimento e desenvolvimento das crianças. A interação da criança com os demais, fazendo uma socialização entre eles. Outro aspecto muito importante é o trabalho pedagógico, que deve ser informal através de jogos espontâneos com materiais adequados que a criança possa jogar com os outros colegas de sala.

Questionamos se a professora concorda com a metodologia trabalhada em sala de aula com o aluno com Síndrome de Down. A mesma nos relata que:

(03) Cris: Hoje o professor pode escolher metodologia que vai trabalhar. A metodologia, e a aula mais concreta daria para trabalhar com a sala toda. As crianças aprendem melhor no concreto. O professor tem que se adaptar com o seu aluno com Síndrome de Down. Hoje, o professor tem a escolha da metodologia, de escolher qual a melhor forma que ele vai trabalhar

com seu aluno. Dentro da rede pública, hoje, os professores não estão preparados para receber alunos especiais porque não têm capacitação. E se não está capacitado como vai descobrir qual a sua metodologia certa para aquele aluno. Tudo é uma corrente.

Quando o professor faz sua metodologia, organiza e planeja suas aulas, já tem que pensar que tem seu aluno especial, então, sua aula tem que ser mais concreta e com mais jogos de aprendizagem para facilitar o aprendizado da sala toda, não só do Down. Na educação das crianças tem que haver encorajamento, interesse, prazer em aprender, e é o professor que deve despertar nas crianças uma surpresa nova todos os dias para que eles se sintam instigados a aprender cada dia mais. O modo de ensinar as crianças com Síndrome de Down não é simples, mas o professor capacitado consegue fazê-lo com mais facilidade. Quando o professor demonstra amor e carinho pela criança o interesse dela pelos estudos aumenta, fazendo com que o trabalho do professor e da criança seja mais prazeroso.

A escola deve apoiar a criança à buscar novos conhecimentos e novas amizades, tanto com os professores quanto com os colegas. O professor tem que criar uma aula adequada que permita um convívio em grupo mais prazeroso. A escola e o professor devem desenvolver estratégias e capacidades para o aluno especial que possam ser úteis no futuro também.

Segundo a professora Cris, a principal sugestão para que haja mais interesse pela inclusão dos alunos com Síndrome de Down seria que:

(04) Cris: A escola tem que dar ao professor apoio de outros profissionais, porque muitas vezes ele não consegue entender nem o que o Down fala. Então ele precisa do apoio de uma fonoaudióloga, além de manter contato diretamente com ela para a própria metodologia da professora dar certo.

A escola, os professores e os profissionais especializados de cada área específica devem se unir para garantir um melhor aprendizado da criança Down. Em especial a professora e a fonoaudióloga necessitam de um contato maior, pois outra característica da Síndrome de Down que é a dificuldade da fala. Sem o apoio da fonoaudióloga a professora não consegue se comunicar com seu aluno Down, e isso faz com que a aula não tenha um bom rendimento. Por isso é tão importante esse trabalho da professora juntamente com a fonoaudióloga. A partir do momento que o professor consegue entender o que o seu aluno diz a convivência melhora, e não apenas com o professor, mas com seus colegas também.

O atraso na aquisição da fala é um dos maiores problemas das crianças com síndrome de Down. Realmente, como consequência da anomalia genética, elas têm algumas características que as predispõem a uma defasagem no seu desenvolvimento global. Defasagem que atua negativamente no aprendizado da linguagem que nada mais é do que o resultado da interação de vários fatores, uns agindo sobre os outros desde os primeiros dias de vida: orgânicos, ambientais e psicológicos (WERNECK, 1992, p. 121).

A fala é o modo com que nos comunicamos com o mundo. Se a criança Down não for estimulada a falar, ela conseqüentemente não vai ter vontade de falar tão cedo.

A estimulação da fala é muito importante, porém lenta. Os pais, os professores e a fonoaudióloga têm que ajudar a criança a fazer exercícios de estimulação que interessem as crianças como mastigar, soprar ou fazer carretas engraçadas.

Perguntamos a professora Cris se no seu meio social tem alguém com Síndrome de Down. Ela relata que:

(05) Cris: Sim, na minha família mesmo. Eu cresci com a Síndrome de Down. Tenho uma prima que nos crescemos juntas. E hoje minha irmã tem uma filha com Síndrome de Down. e eu convivo bastante com elas. Minha sobrinha esta hoje em Barretos porque esta com leucemia. Ela nasceu com essa leucemia. E isso é uma das características da criança com Síndrome de Down, assim como a audição, a fala, e a deficiência mental.

A família é muito importante para o desenvolvimento da criança. A convivência com a família e com a comunidade escolar é um meio da criança se sentir acolhida, independente do seu grau de deficiência.

Nesse ambiente acolhedor tem que haver afetividade entre a criança e o professor, tem que haver um vínculo entre ambos. Para haver um aprendizado gratificante é necessário que o aluno confie em seu professor, mas não só como professor em sala de aula, mas também como pessoa fora da escola.

Portanto, quando o professor recebe uma criança com deficiência, ele tem o dever de tratar aquela criança como qualquer outra, sem fazer qualquer tipo de rejeição com a mesma.

Todas as crianças têm suas limitações e suas aptidões, o professor tem explorar o que há de melhor na criança. Só assim a educação da mesma vai ser prazerosa e gratificante.

Para o professor a escola não é apenas lugar de reprodução de relações de trabalho alienadas e alienantes. É, também, lugar de possibilidade de construção de relações de autonomia, de criação e recriação de seu próprio trabalho, de reconhecimento de si, que possibilita redefinir sua relação com a instituição, com o Estado, com os alunos, suas famílias e comunidades. (PCN, Apresentação dos Temas Transversais e Ética, 1997, p. 53).

Quando o professor gosta, ama o que faz, ele tem a escola como sua segunda casa, e as famílias das crianças como sua família também. Isso faz com que as crianças se sintam acolhidas e conseqüentemente se sintam realmente em casa e em um ambiente familiar, e isso beneficia o aprendizado dos alunos.

3 CONCLUSÃO

Só será possível uma educação inclusiva quando os preconceitos forem superados, tanto pelos professores, quanto pelos alunos. A inclusão faz com que as pessoas se conscientizem de que o futuro e a qualidade de vida dependessem dos atos de humanidade de cada um.

O principal papel da escola inclusiva é buscar medidas adequadas para superar as dificuldades dos alunos, para que assim o aluno aprenda com mais prazer.

Somos todos iguais, cada um com suas diferenças, mas o que deve permanecer em todos é o respeito, a gratidão e a solidariedade.

NIÑOS CON SÍNDROME DE DOWN: tiene lugar en escuela?

RESUMEN

Este estudio tiene como objetivo examinar la educación ofrecida a los estudiantes con síndrome de Down, na Escola Gente Esperança/APAE de Sinop/MT. Una escuela de educación especial, a su vez, especializado para enseñar a los niños con diferentes discapacidades, tener contacto con otros niños con necesidades especiales y la atención personal a los mismos, que tratan de investigar si los profesionales de la educación les resulta difícil llevar a cabo su labor educativa. Con el fin de desarrollar la investigación que podría responder a mis preguntas, se realizó una búsqueda bibliográfica que permite la construcción teórica sobre el tema propuesto para el trabajo, esta investigación ha adoptado un enfoque cualitativo, en el que el investigador va a tener un contacto directo con el objeto de análisis a través de observaciones, conversaciones informales y un cuestionario semi-estructurado.

Palabras clave: Educación. Educación Especial. El síndrome de Down. Maestro.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: **Adaptações Curriculares**. Brasília: MEC/ SEF/ SEESP, 1999.

GOLDENBERG, Mirian. **A Arte de Pesquisar**: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais. 9.ed. Rio de Janeiro: Record, 2005.

WERNECK, Claudia. **Muito prazer, eu existo**: um livro sobre o portador de síndrome de Down. São Paulo: Memnon, 1992.

ENTREVISTA

CRIS. **Cris**: nome fantasia. Depoimento. [26.mar. 2011]. Entrevistadora: Suelenn Barbosa dos Santos. Sinop, MT, 2011. mp5 (12 min 48 seg). Entrevista concedida para a Monografia sobre Educação Especial.